



A INTERPRETAÇÃO DA EXPERIÊNCIA HERMENÊUTICA SEGUNDO RICHARD PALMER[√]

Marcos Vinicius da Costa MEIRELES*
Marcos Alfonso SPIESS**

RESUMO

O objetivo deste artigo consiste em uma revisão da terceira parte da obra **Hermenêutica** de Richard Palmer. Esse excerto do livro se refere a um manifesto dirigido aos intérpretes americanos que não levam em consideração o aspecto existencial de uma obra. Para analisá-lo, esta pesquisa de cunho bibliográfico apresenta, em um primeiro momento, os significados gregos do termo hermenêutica, o qual pode ser compreendido na perspectiva do dizer (função de anúncio), do explicar (função de compreensão) e do traduzir (função de mediação). Na sequência, considerando os aspectos etimológicos do termo hermenêutica, é retomado o questionamento: **O que é interpretação?**. Para tentar respondê-lo, apresenta-se a crítica de Palmer à interpretação realista que insiste na compreensão do mundo a partir da dicotomia sujeito-objeto. Em seguida, demonstra-se sua proposta de interpretação que busca levar em conta tanto a experiência histórica quanto contextual dos sujeitos. Por fim, buscando sintetizar de forma holística o que seria uma interpretação hermenêutica para Palmer, são apresentadas as trinta teses do autor acerca da experiência hermenêutica.

Palavras-chave: Hermenêutica. Interpretação. Richard Palmer.

1 INTRODUÇÃO

A obra de Richard Palmer intitulada **Hermenêutica** poderia ser chamada de **O que é a hermenêutica?**, ou ainda de **O significado da hermenêutica**, pois como afirma o próprio Palmer no prefácio de sua obra, ela é, entre outras coisas, um registro da busca do autor sobre a compreensão. Inicialmente o trabalho de Palmer era um projeto mais específico, a saber, investigar o significado da teoria sobre a interpretação de Rudolf Bultmann. Sentindo a necessidade de uma clarificação

[√] Artigo recebido em 20 de fevereiro de 2016 e aprovado em 15 de junho de 2016.

* Doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail:<mmfilo09@gmail.com>.

** Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail:<spiess.spiess@gmail.com>.

conceitual no âmbito e no significado da própria hermenêutica, Palmer busca responder às questões acima formuladas.

Considerando as controvérsias que possam recair sobre o termo, Palmer aponta a necessidade de um aprofundamento etimológico para uma abordagem mais precisa acerca do que venha a ser hermenêutica. Se por um lado, ela se apresenta indefinida para uma grande parte dos intelectuais, de outra banda, Palmer considera a hermenêutica um tema potencialmente significativo para disciplinas relacionadas à interpretação.

Em sua obra, o autor em questão discute as teses de quatro teóricos que considera serem os maiores nomes neste campo, são eles: Schleiermecher, Dilthey, Heidegger e, seu instrutor de pós-doutorado, Gadamer. Estes autores reforçam a tese de Palmer sobre a constituição da Nova Hermenêutica e se afastam de uma abordagem meramente filológica, visto que buscam realçar o caráter frutífero da perspectiva fenomenológica e não apenas um estudo morfológico.

O objetivo deste artigo consiste na recensão da terceira parte do livro, a qual constitui um manifesto dirigido aos intérpretes americanos. É também a sessão que Palmer, após ter apresentado o significado original do termo hermenêutica, além de discuti-lo com autores da tradição, reabre a pergunta: o que é interpretação? Antes disso, porém, torna-se necessário retomar o antigo significado do termo hermenêutica a fim de facilitar a compreensão da proposta desse autor.

2 HERMENÊUTICA: DIZER, EXPLICAR E TRADUZIR

A hermenêutica, enquanto estudo da compreensão, desenvolve-se essencialmente para a compreensão de textos. Sua dimensão mais autêntica é quando deixa de ser um conjunto de artifícios e de técnicas de explicação de texto e possibilita enxergar o problema hermenêutico dentro de um horizonte de uma avaliação da própria interpretação. De outro modo, enquanto que objetos são facilmente redutíveis a métodos científicos de interpretação, as obras, ao contrário, apelam para modos mais sutis e compreensíveis, métodos que sejam mais históricos e humanísticos (PALMER, 1989). Assim, enquanto estudo da compreensão das obras humanas, a hermenêutica transcende as formas linguísticas de interpretação, pois seus princípios se aplicam não só na obra escrita, mas a qualquer obra de arte.

A palavra hermenêutica, advinda do verbo grego *hermeneuein*, era usualmente traduzida por interpretar e, no substantivo *hermeneia*, interpretação. Tais palavras estão associadas a Hermes, o deus mensageiro-alado, e a Hermeios, o sacerdote do oráculo de Delfos. O significado conferido pela figura de Hermes se associa à função de transmutação, ou seja, de transformar tudo aquilo que ultrapassa a compreensão humana em algo que a inteligência consiga compreender, trazendo algo da inteligência à compreensão. Também lhe é atribuído à descoberta da linguagem e da escrita, ferramentas que a compreensão humana utiliza para chegar ao significado das coisas e transmiti-la aos outros.

Destarte, são atribuídos ao sacerdote do oráculo em sua atividade interpretativa três verbos. Embora cada verbo possua um sentido independente, **dizer, expressar e traduzir** são orientações da atividade interpretativa. Para Palmer, tal atividade consiste em tornar algo que é pouco familiar e obscuro em algo real, próximo e inteligível. Estas três orientações do interpretar contribuem para que a hermenêutica, sendo fiel ao seu antigo significado, torne-se mais existencial e humanamente significativa.

2.1 COMO DIZER

A palavra Hermes tem uma aproximação com as palavras latinas *sermo* e *verbum*, que significam, respectivamente, dizer e palavra. Neste sentido, destaca-se a função anunciadora de Hermes, onde o sacerdote grego, ao apresentar a palavra, anunciava e afirmava algo, não sendo meramente um anunciador, mas um proclamador. O sacerdote, tal como Hermes e tal como o sacerdote de Delfos, deveria trazer notícias fieis da divindade naquilo que diz ou proclama sendo um mensageiro de Deus.

A interpretação oral ajuda a crítica literária a lembrar-se da sua intenção secreta, quando considera (de um modo mais consciente) a definição de “existência” de uma obra, não como uma coisa estática e conceptual, não como uma “essência” atemporal que se coisificou enquanto conceito expresso por palavras, mas antes como uma existência que realiza o seu poder de existir enquanto acontecimento oral no tempo (PALMER, 1989, p. 29).

A linguagem escrita apela para uma reconversão na sua forma falada; apela para um poder perdido, pois a escrita não tem a expressividade primordial da

palavra falada (PALMER, 1989). As palavras orais parecem ter um poder quase mágico; as escrituras, especialmente na teologia de Bultmann, são *kerygma* no sentido de algo que deve ser proclamado. No cristianismo o poder da palavra oral ocupa lugar importante, pois tanto São Paulo quanto Lutero são famosos por dizerem que a *fides ex audi* (A fé vem pelos ouvidos). A intenção da Nova Crítica em hermenêutica é de preservar a integralidade da existência da própria obra, evitando-se a ocorrência herética da paráfrase. Não como se o texto tivesse seu ser nas palavras, mas trabalhando para que o texto fale por si mesmo. A crítica é para que a palavra deixe de ser apenas visual e conceitual e passe a ser evento, onde dados biográficos, históricos ou psicológicos sejam realçados.

2.2. COMO EXPLICAR

A interpretação enquanto explicação dá ênfase ao aspecto discursivo da compreensão. As palavras não se limitam a dizer algo, elas explicam, racionalizam e clarificam algo. As mensagens crípticas do oráculo de Delfos não eram interpretadas como um texto preexistente, mas a partir de uma situação dada. Levavam o significado de uma situação à sua formulação verbal, onde o sentido não estava escondido no estilo ou na maneira de dizer. Os oráculos, num primeiro momento, apenas diziam ou anunciavam, enquanto a explicação orientava-se para explicar ou dar conta de algo.

A interpretação explicativa nos torna conscientes de que a explicação é contextual, é horizontal, devendo ser processada dentro de um horizonte de significados e intenções. Leva-nos a perceber que não é possível falar de algo independente de um sujeito que o perceba, bem como uma neutralidade frente ao texto. Conforme ensina Bultmann, nós interpretamos a partir de uma pré-compreensão, ou seja, uma área de compreensão pressuposta.

Para que um intérprete faça uma **performance** do texto é necessário, portanto, compreender previamente a situação antes de entrar no horizonte de seu significado. Esse é o chamado círculo hermenêutico sem o qual o sentido do texto não pode emergir. A função de uma interpretação explicativa pode ser vista neste contexto como um esforço para colocar os fundamentos numa pré-compreensão que permita compreender o texto. Aqui encontramos um dos grandes problemas

hermenêuticos, que consiste na complexa dinâmica da interpretação, na fusão entre o horizonte compreensivo, com o horizonte compreensivo que vem ao encontro do leitor pelo texto.

2.3. COMO TRADUZIR

A tradução é um processo básico para tornar algo que é estranho e ininteligível em algo compreensível. Assim ocorre quando um texto é comum à nossa língua nativa, o choque entre mundos passa despercebido, mas quando se trata de outra língua, o contraste não é ignorado. A língua considerada como repositório de experiências culturais nos torna conscientes de como as palavras moldam a nossa visão de mundo, mesmo as nossas percepções. Tal como Hermes, o tradutor é um mediador entre dois mundos. Assim, a tradução não se apresenta como uma operação mecânica de encontrar sinônimos, mas de uma atividade sutil de mediar mundos distintos.

A proposta de Bultmann de demitologização é uma tentativa de superar a mensagem essencial da mitologia cosmológica na qual nenhum ser humano moderno pode acreditar (PALMER, 1989). Como exegeta e teólogo sistemático, “no entendimento de Bultmann, [a] Teologia Sistemática nada mais é que exegese consequente, isto é, direcionada para a existência de um ser humano atual” (KÖRTNER, 2009, p. 61). A demitologização não se apresenta como um problema meramente teológico, mas uma necessidade ao ato de interpretar qualquer obra de cujos elementos escapem do nosso horizonte de significação.

O ato de traduzir clama uma precisão de significância para a obra. Uma abordagem da interpretação que se concentre na enumeração de imagens de um ou outro tipo, que se focalize na forma de uma obra, ou que faça análise temática, deixa passar despercebido o problema da significação e deixam de se tornar humanamente relevantes.

A Bíblia é, em primeira linha, uma coletânea de antigos textos sagrados do judaísmo e do cristianismo, que podem perfeitamente ser considerados da perspectiva da ciência da religião ou da história da literatura. Eles se tornam Escritura quando são lidos e interpretados como textos que apresentam uma demanda atual ao leitor ou intérprete, que deve receber uma resposta (KÖRTNER, 2009, p. 62).

Tal como os deuses, a literatura morreu pela atividade dessecativa (PALMER, 1989). Os intérpretes estão mais interessados nas estruturas e funções do que mantê-la viva e humanamente significativa. O sentido da realidade e o modo de estar no mundo potente na obra devem ser um ponto central para uma interpretação literária capaz de nos agarrar pela significação humana da ação sendo a chave para compreendê-la. “A metafísica (definição de realidade) e a ontologia (característica de estar no mundo) de uma obra são fundantes para uma interpretação que torna possível uma compreensão significativa” (PALMER, 1989, p. 40).

3 AFINAL, O QUE É A INTERPRETAÇÃO?

Após este perscrutamento pelas bases etimológicas do termo e perceber que ele está relacionado a uma vivência, é necessário retomar a pergunta: o que é a interpretação? Como já dito, a terceira parte da obra de Palmer consiste em um manifesto dirigido aos intérpretes literários americanos. Tal fato se dá, por compreender que tanto na Inglaterra quanto na América, a hermenêutica é de modo geral realista. Num molde cientificista a interpretação literária tem como tarefa falar da obra. Ela está lá fora, independente do leitor em uma separação axiomática entre sujeito e objeto.

3.1 CRÍTICAS À CONCEPÇÃO REALISTA DA INTERPRETAÇÃO

Na perspectiva de Palmer, para compreender um texto é necessário romper com o esquema interpretativo operante pela ordem sujeito – objeto, pois este modelo interpretativo é, segundo ele, uma ficção realista. Para se libertar deste esquema a consciência histórica ocupa papel importante. Esta não consiste em apenas sentir o elemento histórico, mas antes, uma compreensão genuína de como a história atua na tensão entre contexto da obra e nosso tempo.

Palmer cita pelo menos três consequências do esquema sujeito-objeto na interpretação: (I) conceber a obra como objeto, pois desta forma, ela se torna apenas uma entidade sobre a qual adquirimos conhecimento e o meio utilizado para tal é a dissecação conceitual. (II) Compreender a obra como objeto mais do que

como obra, o que distancia o leitor do texto. (III) Sobre o uso de métodos que estruturam previamente o encontro que vamos ter com a obra.

A nova crítica consistiu, nalguns dos seus aspectos, uma exceção a isto, com a referência que faz a uma “rendição” ao ser da obra, na tentativa salutar de evitar a heresia da paráfrase a favor de uma experiência direta da obra das intenções que tem de falar sobre forma e conteúdo da obra, mais do que de perder-se e afundar-se em informações extrínsecas sobre ela (PALMER, 1989, p. 227).

Perguntar sobre a compreensão é para Palmer uma forma de ultrapassar o esquema sujeito-objeto para uma concepção mais lata da compreensão. Palmer se utiliza do caráter ontológico presente em *Ser e Tempo* (1927) do filósofo alemão Martin Heidegger, onde considera haver um ultrapassamento da relação realista.

Em Heidegger, a compreensão deixa de ser uma propriedade para se tornar um modo de existência [...] Gadamer, fazendo uso de vários ensinamentos de Heidegger, surge com uma crítica radical ao pensamento científico-espiritual que perdurou por todo o século XIX, fazendo da hermenêutica uma disciplina *filosófica* que, para além de seu foco epistemológico – presentes na obras de Schleiermacher e Dilthey -, passa a investigar o fenômeno da compreensão *em si mesmo*, ou seja, passa a ter como finalidade explicitar o que ocorre nesta operação humana fundamental do *compreender* (PEREIRA, 2001, p. 17).

A linguagem é para Heidegger tão primordial quanto à compreensão, pois ela é o repositório do passado e por isso é o meio que dispomos para conhecer, pois a compreensão é linguística e por meio dela o mundo pode surgir. É por meio da linguagem que se torna possível transcender a palavra (*verbum*) e alcançar o sentido (*logos*). A compreensão é para Heidegger o meio pelo qual o mundo se coloca face ao ser humano; a compreensão é o meio da revelação ontológica.

A hermenêutica tem como tarefa tornar acessível o ser-aí próprio em cada ocasião em seu caráter ontológico do ser-aí mesmo, de comunicá-lo, tem como tarefa aclarar essa alienação de si mesmo que o ser-aí é atingido. Na hermenêutica configura-se ao ser-aí como uma possibilidade de vir a compreender-se e de ser essa compreensão (HEIDEGGER, 2012, p.21).

O sujeito compreende através do mundo partilhado da compreensão, dado *na* e *pela* linguagem que ele utiliza, bem como no posicionamento histórico que sua compreensão se coloca. “Gadamer [...] tornou claro que a linguagem é o meio no qual e pelo qual temos um “mundo”; ela produz uma clareira no ser, através da

revelação do ser. Esta revelação não é pessoal e privada. É uma compreensão partilhada que a linguagem nos permite possuir em primeiro lugar, tal como permite que a comuniquemos” (PALMER, 1989, p. 238).

Não pode o ser humano avaliar um mundo fora dele, como no esquema sujeito-objeto, pois a compreensão é sempre a posição ou o horizonte a partir do qual vemos tudo que vemos. O ato de interpretação sempre se situa dentro de um contexto, por isso a compreensão são sempre realidades: linguística, histórica e ontológica.

Estas realidades nos ajudam a perceber que a compreensão não é uma atividade subjetiva revelada ao leitor, mas ao contrário, é algo que vem do exterior ao encontro do ser humano, algo que se revela à compreensão como sendo o mundo. Nesta perspectiva, o esquema realista também não é útil, pois o estatuto de um objeto é de ser objeto em função de um sujeito. Na defesa da nova crítica não é algo de subjetivo que se apresenta ao intérprete, mas um compartilhamento de mundos.

3.2. A COMPREENSÃO EM TERMOS DE EXPERIÊNCIA

Palmer defende que o encontro com a obra não tem a estrutura de um simples saber, mas de experiência e, que tal experiência, é dialeticamente dinâmica. Com isto a perspectiva que exemplifica a abordagem verdadeiramente dialética é a feita por Sócrates em seu método conhecido com *maieutica*. Na oscilação entre saber e não saber se constitui o desejo lúdico de tudo arriscar e de ser instruído pelo próprio tema.

Neste sentido, a compreensão está associada à experiência e à condição de se colocar sensível ao que o texto não disse, podendo ser encontrado o que não foi dito ou não poderia se dizer naquele momento. Interpretar é para Palmer caminhar em direção a um horizonte interrogativo no qual o texto se move. É rumar a um horizonte possível de outras respostas.

A reconstrução interpretativa do texto não é uma simples reconstrução histórica, não se trata também de desvelar as intenções do autor, mas o texto tem que iluminar o horizonte do intérprete, pois a compreensão de certas perguntas se situa dentro de um horizonte de pensamento.

Neste viés, a verdadeira interrogação se dá como uma “negatividade criativa”, que é essencialmente a negatividade é que ensina a transformar. Ela é o centro da experiência hermenêutica, pois experimentar é compreender e na negatividade criativa a experiência não nos diz aquilo que queremos, mas tende a transcender e a negar expectativas. Não nos deixando na iminência de apenas nós questionarmos o texto, mas principalmente de sermos interrogados por ele. E por meio de tal inquirição se dá a expansão de horizontes.

O que precisamos na interpretação literária é uma interrogação dialética que não se limite a questionar o texto, mas que permite que o que é dito no texto também coloque interrogações, pondo em causa o horizonte do intérprete e produzindo uma transformação fundamental da compreensão que temos do tema (PALMER, 1989, p. 235).

Segundo Palmer (1989), o elemento da negatividade criativa está ausente na maioria dos métodos, pois o momento criativo da interpretação está na criação do próprio método, tal momento criativo se furta quando usamos métodos pré-estabelecidos. A análise e o questionamento metódico não põem em causa pressupostos que as orientam, atuando no interior de um sistema de modo que as respostas já sempre estejam presentes.

A experiência não segue este modelo e é o meio de sair deste sistema por meio da transcendência criativa. Segundo Palmer, interpretações que lidam apenas com o significado explícito de um texto e as que se satisfazem exclusivamente em termos de um horizonte significativo passado são concepções errôneas do que a interpretação exige. É de forma tenaz que ele critica: “A indisposição provocada pela violência feita ao texto não deve transformar-se em desculpa para nos afastarmos da tarefa hermenêutica de ouvir profundamente aquilo que está escondido por detrás do carácter explícito do texto” (PALMER, 1989, p. 236).

Da mesma forma que a interpretação é criticada por assumir um carácter meramente extrínseco ao invés de uma interpretação em termos de experiência, o mesmo acontece com a categoria do estético. A separação entre o que é dito e um ato reflexivo não é uma dicotomia da experiência, mas de concepção filosófica insustentável da experiência que separa o pensamento e a verdade do sentimento e do prazer conceitual da forma. Segundo Palmer, a separação de forma e conteúdo é

uma ficção enganadora moderna, advinda de uma concepção iluminista que separa elementos estáticos do seu significado histórico.

O que faz a obra de arte ser arte não é a perícia técnica, nem um apelo a uma harmonia formal. Na arte, o mundo que se conhece através da forma está ligado aos materiais que o pensamento não pode se diferenciar dele, da mesma maneira que os estéticos não podem se diferenciar dos não estéticos. O que é central na experiência estética não é conteúdo nem a forma, mas a coisa **significadora**, totalmente mediada numa **imagem** e numa **forma**, pois como afirma Palmer: “[o] prazer estético não é uma resposta sensível à forma, mas sim ao movimento total de significado sob a forma de uma obra de arte” (PALMER, 1989, p. 239).

Assim, a relação de prazer e deleite relativos a uma obra não devem ser perante seu aspecto formal. A relação autêntica a uma obra é uma reação àquilo que é dito. O modo como diz (forma) é inseparável daquilo que se diz (sentido). Heidegger considera que a obra verdadeira, através da forma, cria um mundo em que o ser se situa, em termos fenomenológicos ideia e forma estão unidas como mundo. A arte, portanto, não se trata de um conhecimento sensível, mas de compreender, onde tal compreensão é indissociavelmente ligada à experiência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, apresentamos as trinta teses sobre a interpretação da experiência hermenêutica de Richard Palmer que sintetiza todo o empreendimento do autor por criticar a realidade americana e inglesa da interpretação e apresenta a nova crítica em hermenêutica, clamando para que a interpretação seja vivenciada em termos de experiência.

É nessa perspectiva que apresentamos as 30 teses de Palmer, iniciando pela afirmação de que a interpretação hermenêutica é (1) intrinsecamente histórica, (2) intrinsecamente linguística, (3) dialética e (4) ontológica. Neste viés, ela deve ser compreendida (5) como um evento e, por isso, (6) ela é objetiva. A experiência hermenêutica (7) deve ser conduzida pelo texto, mas ela (8) compreende o que é dito à luz do presente.

Neste sentido, a experiência hermenêutica é (9) a revelação da verdade. Ao passo que (10) a estética deve ser absorvida pela hermenêutica, torna-se necessária (11) a superação do esquema sujeito-objeto. Considerando que (12) a obra literária é autônoma, é possível perceber que (13) o método científico impede a experiência da obra e que (14) o pensar tecnológico leva a pensar em termos de “domínio” do tema e de “ataque” ao assunto.

Uma obra de arte (15) não é um utensílio, e por isso (16) a forma nunca deve ser o ponto de partida de uma interpretação literária. Ao contrário, (17) o ponto de partida da interpretação literária é aquilo que a obra diz, motivo pelo qual (18) o verdadeiro amor à literatura não é e nunca foi o prazer da pura forma. Por isso, (19) não é o intérprete que capta o significado do texto, o significado do texto é que possui o intérprete. Com isso, (20) ler uma obra não é adquirir conhecimento conceitual sobre ela, mas uma ruptura e um alargamento do nosso antigo modo de ver as coisas. (21) A interpretação literária não deveria ter as características de uma análise aristotélica formal, com suas categorias previamente marcadas, mas a de um diálogo socrático.

Ao afirmar que (22) os métodos têm um valor discutível e que (23) a literatura é intrinsecamente histórica, Palmer demonstra que (24) um dos problemas críticos da interpretação literária americana é essa falta de consciência histórica. Dessa forma, (25) a tarefa da interpretação é construir uma ponte sobre a distância histórica e (26) possibilitar que a compreensão de um texto não é simplesmente bombardeá-lo com questões, mas sim compreender a questão que ele levanta a quem lê.

Além disso, é preciso considerar que (27) a própria interpretação é histórica, e se tentarmos fazer qualquer outra coisa lhe acrescentando ou lhe tirando algo, empobrecemos a interpretação e nos empobrecemos. Por isso, (28) compreender a literatura ou qualquer obra de arte é estar situado na ordem da temporalidade. De acordo com Palmer, (29) a obra dirige-se a nós enquanto pessoas que somos, caso contrário, o encontro com ela não teria qualquer interesse. Resumindo: A literatura não é conhecimento conceitual, mas experiência. E isso, (30) não significa que rejeitamos o conhecimento conceitual, mas que temos que o ultrapassar e englobar.

Desta forma se conclui que entrar no mundo da obra não é enveredar por um caminho estranho, não saímos do tempo e da história, antes nos tornamos mais

próximos de nós mesmos. Arrastamos, quando compreendemos uma obra, tudo aquilo que temos e somos. Compreender é fundir conosco o mundo em toda sua plenitude, significa colocar na balança a nossa autocompreensão. A universalidade da arte é, portanto, uma universalidade ontológica; pelo que, toda arte verdadeira é revelação o ser.

THE INTERPRETATION OF HERMENEUTICS EXPERIENCE ACCORDING TO RICHARD PALMER

ABSTRACT

This paper aims to discuss the third part of the book *Hermeneutics* that was written by Richard Palmer. This excerpt from the book is a manifest addressed to American interpreters who ignore the existential aspect of a work. To analyze it, this bibliographic research shows, at first, the Greek meaning of the hermeneutic term, which can be understood from the perspective of to say (annunciation function), the to explain (understanding function) and the to translate (mediation function). Further, considering the etymological aspect of hermeneutics term, is taken up the question: "What is interpretation?". To attempt to answer it, it shows the critique of Palmer to realistic interpretation that emphasizes the understanding of the world from the subject-object dichotomy. Then it shows up its proposed interpretation that seeks to take into account both the historical experience and context of the subject. Finally, seeking to synthesize holistically what would be a hermeneutic interpretation for Palmer, it is presented his thirty theses about the hermeneutics experience.

Keywords: Hermeneutic. Interpretation. Richard Palmer.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. **Ontologia: hermenêutica da facticidade**. Trad. Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2012.

KÖRTNER, Ulrich H. J. Dogmática como exegese consequente? Sobre a relevância da exegese para a teologia sistemática em conexão com Rudolf Bultmann. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 49, n. 1, p. 58-78, jan./jun. 2009.

PALMER, Richard. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1989.

PEREIRA, Rodolfo V. **Hermenêutica filosófica e constitucional**. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.